

"Três perguntas a ... K.L.P."

- in "Journal de Letras"
- Ano III, nº 80, última pág.

Fundação Cuidar o Futuro



17 Jan. 84



Três perguntas a...

Maria de Lurdes Pintasilgo

P. — Que livros anda a ler? Quais os últimos livros que leu?

R. — Leio geralmente vários livros ao mesmo tempo. Neste momento, estou a ler: «Diário-XIII», do Miguel Torga; «Japan — The Coming Social Crisis», de Jon Woronoff; «Paroles Poétiques Échappées du Texte (Leçons sur la Communication Industrielle)», de Pierre Legendre; «The Politics of the Solar Age; Alternatives to Economics», de Hazel Henderson; «Alfred Diban — Premier Chrétien de Haute-Volta», de Joseph Ki-Zerbo (este é um livro extremamente tocante, escrito pelo editor da História Geral de África, sobre o seu próprio pai).

Os últimos livros que li, além dos livros das escritoras portuguesas lançados no final de 83 (Isabel Barreno, Teresa Horta, Olga Gonçalves, Hélia Correia), de «Memorial do Convento», do Saramago, e de «Longos Dias Têm Cem Anos», da Agustina, foram:

«Repères Éthiques pour un Monde Nouveau», de Xavier Thévenot; «L'Empire des Signes», de Roland Barthes; «La Faculté de l'Inutile», de Ioury Dombrovski; «Le Dieu Commun», de Guy Lafont; «Un Pari pour l'Europe», de Michel Albert; «Rodríguez, the Interpreter», de Michael Cooper (a história apaixonante de um jesuíta português do séc. XVI e da sua odisséia cultural e política na China e no Japão, onde foi o estrangeiro mais influente no início do séc. XVII); «Nemesis», de Agatha Christie (o único que ainda não tinha lido da autora).

P. — Que livros anda a ler? Quais os últimos. Quais os seus pintores preferidos?

R. — Relativamente pouco. Tento conhecer as colecções permanentes, mas, quanto a exposições temporárias, procuro sobretudo não perder as retrospectivas completas de um pintor. Interessa-me, nesses casos, a evolução da sua visão plástica das coisas, como vivência do artista-profeta e como expressão singular do que se agita no interior das consciências e das sociedades. É nesse conjunto que fixo um, dois quadros; detenho-me neles — sem me importar saber se são os «melhores»...

Não tenho pintores preferidos em abstracto — só quadros que são de uns e de outros e que, se os indicasse, diriam mais de mim do que interessa a quem lê. Mas se tiver mesmo de mencionar algum, afirmo, como é óbvio, o meu encantamento perante Vieira da Silva. Tive há algumas semanas a imensa alegria de a visitar e de estar com ela e com Arpad Szenes, no seu estúdio. E como havia o começo de um quadro no cavalete — que dizia, no traço e na cor, a mesma linguagem, a um tempo vivíssima e contida, da pintora — é bem possível que esse venha a ser o meu quadro preferido.

P. — Vê TV? Que pensa da programação a que assiste?



R. — Com frequência, só o Telejornal. Penso que, apesar do muito trabalho que certamente vai na sua feitura, o Telejornal é culturalmente um mau instrumento. Porquê? Porque, em vez de funcionar como um estímulo da capacidade crítica de quem vê — ouve, foi no caso sobre todas as notícias, dando a tudo igual peso e levando assim à passividade e à progressiva insensibilidade perante os acontecimentos.

Repare-se na ordem com que as notícias são apresentadas — começará o Telejornal, todos os dias, por aquilo que foi nesse dia realmente importante, directa ou indirectamente para os espectadores?

Vejam-se as tentativas para «incorporar» os telexes secos das agências noticiosas — não é o enquadramento de uma notícia mais do que uma série de frases sem dinamismo audiovisual, um conjunto de factos sociais, passados ou presentes, e sem perspectivização cultural que permita a compreensão da notícia a medir o seu significado?

Atente-se na entoação mais frequente com que é lido o noticiário (entoação que nada tem a ver com a língua portuguesa) e nas ligações forçadas e até de mau gosto entre notícias (um exemplo: no dia 27 ou 28 de Dezembro, após uma notícia sobre a guerra no Líbano, começou-se a noticiar o aluimento de uma favela em S. Paulo, utilizando vocábulos como «castiço» e uma original referência ao samba).

São estes os mecanismos mais óbvios que levam o Telejornal a nivelar — mesmo sem deliberadamente o querer — os acontecimentos verdadeiramente importantes com os episódios anedóticos de segunda e terceira zona daquilo que se tem por vida social e política. Assim se diluem as fronteiras entre o real — que nos responsabiliza — e o imaginário — que nos leva à ficção, necessária em si mesma, mas perigosa quando incorporada na informação sobre o real.

iniciativas, a mais longa publicação de uma edição completa de Fernando Pessoa qual poderia vir a ser editada especialista italiana.

Quando daquela traslugar alguns grandes vulgares de diversas latitudes, dadas ao nosso país ou a conta-se o célebre escritor; Borges que convidado tou, devendo deslocar-se litora. Na mesma ocasião tar Moncorvo, terra de e acordo com o que terá nte.



o de poesia

emorações dos dez anos 4, a Associação 25 de curso de poesia alusiva balhos, inéditos, devem ela Associação (Forte do Lisboa) até ao próximo ctilografados em cinco com pseudónimo e idenvelope lacrado. São adros de poesia e os prénte de 50, 25 e 10 condo por Sophia de Mello David Mourão-Ferreira, celos, Manuel Alegre e igues.